

## AS NARRATIVAS DE CAROLINA DE JESUS NO QUARTO DE DESPEJO: DOS ESCRITOS DA CIDADE À EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

**Jussara Fraga Portugal**

Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Educação, Serrinha, BA, Brasil  
[jportugal@uneb.br](mailto:jportugal@uneb.br)

**Joelma Gomes Ferreira**

Universidade de São Paulo – USP  
Departamento de Engenharia Química, São Paulo, SP, Brasil  
[urbanista.tst@gmail.com](mailto:urbanista.tst@gmail.com)

**Josias Silvano Barros**

Instituto Federal da Paraíba – IFPB  
Campus Esperança, PB, Brasil  
[josias.barros@ifpb.edu.br](mailto:josias.barros@ifpb.edu.br)

### RESUMO

As narrativas de Carolina de Jesus, em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, inscrevem-se como profícua fonte para se pensar sobre a cidade e os seus lugares, ao passo que colaboram para o aprofundamento do campo de pesquisa em educação geográfica, tanto na perspectiva ontológica quanto na abordagem epistemológica. Em virtude disso, este artigo aciona o texto literário como opção metodológica para potencializar outros modos de investigações sobre a cidade, com repercussões no processo de educação geográfica. Para tanto, a obra elegida para fins de reflexões sobre os escritos da cidade e o trato com a educação geográfica concebe-se numa propositura compreensiva de base interpretativa. A análise revela que as geografias narradas em *Quarto de despejos* enredam vidas urbanas, entrecruzam espaços e dimensionam movimentos formativos que permeiam a vida cotidiana nos espaços marginalizados. Uma literatura-verdade que registra a espacialidade da favela e expressa a resistência, a vivência e a experiência pessoal-espacial da pessoa que narra, reverberando-se como profícuo elemento de composição formativa para se conceber a educação geográfica.

**Palavras-chave:** Literatura. Carolina de Jesus. Cidade. Educação Geográfica.

### THE NARRATIVES OF CAROLINA DE JESUS IN QUARTO DE DESPEJO: FROM CITY WRITINGS TO GEOGRAPHIC EDUCATION

### ABSTRACT

The narratives of Carolina de Jesus in *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* are a useful source for thinking about the city and its places as they contribute to the deepening of the research field in geographic education, both from an ontological and epistemological perspective. To do so, this article uses the literary text as a methodological option to enhance other ways of investigating the city, with repercussions in the process of geographic education. To this end, the work was chosen with the purpose to reflect on the writings of the city and the treatment with geographic education and it is conceived in a comprehensive proposition of interpretive basis. The analysis reveals that the geographies narrated in *Quarto de Despejo* entangle urban lives, intersect spaces, and dimension formative movements that permeate everyday life in marginalized spaces. This literature truly registers the spatiality of the slum and expresses the resistance, the living, and the personal-spatial experience of the person who narrates, reverberating as a useful element of formative composition to conceive geographic education.

**Keywords:** Literature. Carolina de Jesus. City. Geographic education.

## SOBRE A NARRATIVA LITERÁRIA E A PESSOA CAROLINA: PRIMEIRAS NOTAS

[...] Eu prefiro empregar o meu dinheiro em livros do que no álcool.

Se você achar que eu estou agindo acertadamente, peço-te para dizer:

— Muito bem, Carolina!

(JESUS, 1960, p. 65)

O fragmento que abre a escrita deste texto emerge do livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*,<sup>1</sup> da autora Carolina de Jesus (1960), o qual nos revela, escancaradamente, a importância do investimento em educação, ao passo que grafia a proposição de que ser amante-leitora de livros possibilita emancipação do senso comum, transformação social e, sobretudo, metamorfose do aprender, do opinar e do saber.

Como literatura-verdade, tal obra é um escrito literário negro que nos proporciona a noção de variados contextos e conceitos geográficos, dentre eles, a noção de cidade e de lugares. Dito isso, temos nos escritos de Carolina um manancial narrativo de situações geográficas que podem se tornar reflexivo, do ponto de vista da formação pela geografia, mediante a grafia da vivência cotidiana na/da favela, cujas marcas de precariedades e de desigualdades espaciais se fazem texto na vida e no diário da autora, descortinando uma fração espacial da cidade de São Paulo. Vale ressaltar que

A cidade não é apenas um espaço objetivo, medido e analisado por meio de índices e modelos matemáticos, mas um espaço vivido e percebido emocionalmente por seus habitantes. A cidade deve ser investigada averiguando as formas que os diferentes atores/agentes sociais a sentem e percebem o espaço em que se encontram na condição de residentes/não residente, inclusive, adotando comportamentos e formas de uso diferenciado do espaço urbano. (CARVALHO, 2012, p. 42-43).

A escolha pelo “Diário de uma favelada” é por ser uma obra que registra um acontecimento, não por acaso, compreendido como encontro de vidas em tempos distintos, afinal, as experiências vividas não são, ao todo, semelhantes, mas são marcadas pela narrativa cotidiana, cujos escritos sinalizam a mudança de vida pela palavra, pelo livro e pela educação. A ideia de desenvolver um texto tomando como referência *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), no ano em que a primeira edição da escrita literária de Carolina completa 60 anos – marcando a história da literatura brasileira –, lembra uns dos pontos fundamentais da filosofia africana: na partilha do conhecimento produzido pelo povo preto.

Na ideia de compartilhar conhecimento, se faz necessário apresentar com brevidade a trajetória de vida e literária da autora, que fez da escrita parte fundante da sua identidade: Carolina Maria de Jesus<sup>2</sup> nasceu em 14 de março de 1914. Partiu para o mundo espiritual em 13 de fevereiro de 1977, aos 63 anos. Filha de Maria Carolina, é natural da cidade de Sacramento, sudeste de Minas Gerais. Frequentou o ensino básico por um curto período. Mudou-se para São Paulo em 1947, residindo na favela de Canindé com os seus três filhos – João José de Jesus, José Carlos de Jesus e Vera Eunice de Jesus Lima. Ela trabalhava como catadora de papel, ferro e demais materiais nas ruas da cidade. Em vida, publicou as seguintes obras: *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, em 1960; *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*, em 1961; *Pedaços da fome*, em 1963; *Provérbios*, em 1965. Obras póstumas: *Diário de Bitita* no ano de 1986; *Meu estranho diário*, em 1996; *Antologia pessoal*, 1996; e *Onde estaes felicidade?*, no ano de 2014.

A narrativa literária de Carolina de Jesus como fonte para pensar sobre a cidade e os seus lugares colabora, de forma ampla, para o aprofundamento do campo de pesquisa, tanto na perspectiva

<sup>1</sup> “Quando estreou, nos anos de 1960, a obra rapidamente destacou-se do parâmetro comum de vendas de livros no país. Lançada em agosto, *Quarto de despejo: diário de uma favelada* foi imensamente celebrada no Brasil e em muitos lugares do mundo. O público foi gigantesco, tornou os escritos *best-seller*. [...] tão célebre que seu diário foi publicado em mais de quarenta países e traduzido para treze línguas”. (MIRANDA, 2013, p. 27).

<sup>2</sup> Suas obras foram objetos de investigação de muitas pesquisas, a exemplo: *Carolina Maria de Jesus: projeto literário e edição crítica de um romance inédito*. Tese de doutorado da autora Aline Alves Arruda da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2015; *Corpo, discurso e território: a cidade em disputa nas obras da narrativa de Carolina Maria de Jesus*. Tese de doutorado da autora Gabriela Leandro Pereira da Universidade Federal da Bahia (UFBA), 2015; *Os caminhos literários de Carolina Maria de Jesus: experiência marginal e construção estética*. Dissertação de mestrado do autor Fernando Rodrigues de Miranda da Universidade de São Paulo (USP), 2013.

ontológica quanto na abordagem epistemológica, o que pode permitir ao pesquisador/leitor se conectar ao seu objeto de estudo, em meio à liberdade criativa presente na expressão literária, sem abandonar o teor científico que toda abordagem metodológica requer. Isso porque “[...] essa forma de relação experiencial (sujeito-lugar-experiências), inscrita em seus contextos de vida, traduz modos singulares de narração a partir de um lugar, cujos enredos tomam a dimensão espacial da narrativa”. (PORTUGAL, 2013, p. 230). Tais dimensões são reverberadas na vida cotidiana dos sujeitos em seus diferentes espaços de existência, o que potencializa a obra em tela como elemento reflexivo no processo de educação geográfica.

No campo das Ciências Sociais, a apreensão e a análise das narrativas são de fundamental importância, sem que exista um consenso a respeito do modo mais adequado para apreender tais narrativas, enquanto fontes de investigação. No âmbito da Geografia, embora existam muitos contextos de atuação, neste texto, chamamos a atenção para duas proposituras: (i) a educacional, que evidencia a importância da narrativa individual e coletiva para o desenvolvimento da docência (BOLIVAR, 2002; PORTUGAL, 2013, 2015; SOUZA, E. C., 2006); e (ii) os processos urbanos que se inserem nas narrativas literárias em entrelace com a educação geográfica (CAVALCANTI, 2005; LIMA e VIANA, 2017; WAN-DALL JUNIOR, 2013).

De modo geral, as obras literárias que se debruçam sobre a cidade, seus lugares e seus cotidianos visibilizam importantes narrativas de indivíduos e de grupos sociais no momento em que traçam o panorama da sobrevivência sobre as condições precárias, fruto das intensas contradições econômicas e sociais presentes no espaço urbano, abordando aspectos mais sensíveis da realidade. O romance *Becos da memória*, publicado em 2006, da escritora Conceição Evaristo, por exemplo, enreda uma trama ficcional entrelaçada às memórias da autora, em tom de denúncia social: é o que ela chama de “escrivência”. Contudo, torna-se pertinente afirmar que o texto literário, conforme defendem Moraes e Callai (2020, p. 322), remete-nos a uma maneira singular de compreensão do mundo, não de modo fragmentado, “[...] e sim como parte de um todo, que se relaciona e que é plural”.

É relevante destacar, segundo Santos e Souza (2011, p. 313), que “[...] a Literatura é, bem como as demais formas de expressão artística, de grande relevância na busca de respostas para questionamentos inerentes ao indivíduo, nas reflexões relacionadas à condição humana”. E é a cidade que, por vezes, torna-se o espaço-cenário onde as narrativas acontecem. Assim, no ato da leitura literária, os dramas citadinos vão entrando em cena e o leitor começa a problematizar as situações espaciais vivificadas contraditoriamente pelos personagens nos espaços urbanos grafados literariamente.

Tal afirmativa entra em confluência com os escritos de Branco (2006), no sentido de que as leituras sobre a cidade são desenvolvidas por múltiplos olhares que advêm, inclusive, de poetas populares, artistas de rua, geógrafos, urbanistas, sociólogos, historiadores, filósofos e de quem mais se deixa encantar pelas particularidades, singularidades e totalidades do espaço urbano – a cidade parece ser um livro escrito por memórias individuais e coletivas, com tramas e dramas complexos, polifônicos e multicores.

É importante situar que “[...] é a própria cidade que narra sua história com marcas indelévels no espaço urbano”. (ASSUMPÇÃO e FERREIRA, 2017, p. 6). Suas marcas são estabelecidas ao longo do tempo e do espaço pela trajetória dos sujeitos que nela constroem suas histórias e impressões. Mas quando o espaço não registra as nuances do acontecer da vida, dada à magnitude da experiência vivida, como, então, a cidade pode ser compreendida por meio das narrativas literárias, especificamente da narrativa da escritora Carolina de Jesus? De que modo as narrativas literárias se inscrevem como espaços que guardam os saberes e a apreensão da cidade, para além de um recorte temporal e morfológico, arquitadores de enredos que podem potencializar o processo de educação geográfica?

Em virtude desses questionamentos, propomos, nesta escrita, acionar as narrativas literárias como opção metodológica para potencializar outros modos de pesquisar e refletir sobre a ideia de cidade e pensar modos de articulação com os caminhos da educação geográfica.

Para responder às inquietações foi necessário contornar as proposituras da tradicionalidade metodológica de se interpretar a cidade, normalmente condicionada à capacidade de operacionalizar em rede, sobretudo a partir das relações econômicas que determinam o lugar dos diversos grupos sociais. Em seguida, tecer considerações a respeito da narrativa literária, “[...] que em seus conteúdos, não traz apenas um perfil de subjetividade, mas a realidade que a cerca, no caso, as

características peculiares do lugar” (LIMA e VIANA, 2017, p. 206) e dos contextos urbanos regionais para o processo de mobilização geográfica escolar.

Isso posto, temos na obra em questão uma narrativa que atravessa a dinâmica urbana e chega ao campo da subjetividade da autora-moradora – que não inscreve a cidade pela lógica das redes e das tramas econômicas, mas escreve pelo que sente, pelos dramas de uma geografia desigual, complexa, experimentada mediante o lixo, a pobreza, a exclusão e o emudecimento social – como uma grafia literária, marcada pela fome e ressoada pela subalternização do espaço de experienciar a vida, cujo enredo toma, em analogia, a favela a um lugar de descarte de pessoas, uma espécie de quarto de despejo – enquanto crítica à precarização dos espaços em que a vida acontece.

## DIRECIONAMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo procede de referências teórico-conceituais sobre a cidade e a literatura como fontes de pesquisa no âmbito de aspectos geográficos pela narrativa literária no contexto da educação. Tal entendimento se dá mediante a propositura de que esses campos de saberes ao serem acionados e articulados podem dinamizar e produzir conhecimentos plurais. Nessa perspectiva, elegemos a obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Jesus (1960), como perspectiva educacional de análise geográfica, a partir de espaços segregados da cidade, pela abordagem de recortes de histórias de vida, cujos escritos descrevem contextos interpessoais, políticos, econômicos e sociais daquela que narra.

A base interpretativa aporta ao filósofo Ricoeur (2018) pelo fato de que as narrativas de Carolina Maria de Jesus, na obra em análise, reverberam a maneira como a autora experimentou determinadas situações de uma geografia urbana desigual e exprimiu, pelo ato da linguagem escrita, seu discurso como acontecimento, como denúncia, como refúgio e como percepções geográficas, o que pode servir de base para o planejamento da prática educativa escolar sobre o conteúdo cidade.

Nesse sentido, temos em Ricoeur (2018) uma obra que apresenta a hermenêutica mediante a reflexão de uma construção ontológica para a compreensão do ser humano em seus diferentes espaços de vivências, e referentes constitutivos do pensamento, que podem ser mobilizados na esfera educacional. À medida que o autor toma a hermenêutica do discurso como produção humana, os sentidos atribuídos ao texto escrito tendem a reverberar como o sujeito narrador expressa seus pensamentos, sentimentos, desejos e anseios de vivificar a geografia do cotidiano social, como aconteceu com Carolina de Jesus, ao grafar em um diário o seu dia a dia na cidade.

Se o filósofo Paul Ricoeur nos dá abertura para pensar a linguagem perante suas distintas variáveis, temos na narrativa de Jesus (1960) enredos que se concebem como meio e mensagem que se abrem a interpretações distintas, de naturezas distintas (históricas, sociológicas, filosóficas, psicológicas, geográficas etc.). Isso porque a própria linguagem é aberta ao mundo. Portanto, o sujeito que se expressa pelo ato da escrita, como fez a autora de *Quarto de despejo*, ressoa referentes, escolhas, influências, alteridade e existência social perante a relação geográfica com o mundo. O que torna a literatura um manancial de potência educacional para se refletir e abordar determinados conteúdos escolares no ensino de Geografia.

Os escritos literários de Carolina são, aqui, interpretados como testemunhos de uma geografia cartografada em espaços de desigualdades. Para fins de identificação de aspectos registrados em seu diário, apresentamos alguns excertos narrativos, compreendidos à luz da análise interpretativa proposta por Ricoeur (2018), devido à completude literária e à sensibilidade geográfica impressas nos escritos. Para tanto, aportamos na assertiva de que o ato de “[...] compreender o sentido do locutor e compreender o sentido da enunciação constituem um processo circular”. (RICOEUR, 2018, p. 104). A compreensão parte do princípio de que geografia e literatura dialogam, à medida que o sujeito que escreve é constituído por referenciais múltiplos (leituras, pessoas, religiosidades, cultura, sociedade, família, contexto). Carolina de Jesus captou e registrou os múltiplos cenários inscritos na cidade por meio de escritos em um diário.

Ressaltamos, ainda, que a análise interpretativa é uma possibilidade de compreensão textual que permite que a narrativa não seja apenas uma materialidade linguística. No caso, “[...] o termo interpretação deve, pois, aplicar-se não a um caso particular de compreensão, a das expressões escritas da vida, mas a todo o processo que abarca a explicação e a compreensão”. (RICOEUR, 2018, p. 105). De modo complementar, evidenciamos a proposição de que os escritos de Carolina abarcam as mobilidades espaciais das suas travessias de lugares, seja por meio de ações

migratórias, seja por meio da subjetivação dada a si a ao espaço circundante perante as situações de fome e de miséria que experimentou ao longo da vida.

As formas de apropriação da leitura e da escrita, assim como dos espaços urbanos, na narrativa de Jesus (1960), imprimem as singularidades apreendidas pela narradora diante do seu modo de ler a vida e interpretar parte da geografia da cidade. Isso converge com a ideia de que “[...] o narrador é designado pelos signos narrativos, os quais pertencem também à genuína constituição da narrativa”. (RICOUER, 2018, p. 119). Assim, a ideia de educação geográfica e cidade, a partir da compreensão da obra em questão, potencializa-se no sentido de elementos da desigualdade e das contradições urbanas. No entanto, outros objetos de análise da geografia urbana podem ser levantados e contrapostos pelo docente, a depender do foco analítico que se está mobilizando em sala de aula.

Dito de outro modo, à medida que entrelaçamos literatura e geografia, recorreremos à compreensão narrativa e às suas interfaces que dialogam com a cidade, por repercutirem possibilidades geográficas em educação. Portanto, como já mencionado, este escrito científico se vale de recortes da obra, nos quais sinalizamos proposições interpretativas que podem servir de base para a prática geográfica escolar a partir da temática dos espaços de desigualdades da cidade.

### **CIDADE, NARRATIVAS LITERÁRIAS E EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA**

Pensar a cidade por meio da narrativa escrita no contexto literário é ter contato com a representação do imaginário de quem narra que, por vezes, representa o reflexo de uma realidade descrita de maneira tanto objetiva quanto subjetiva. Isso significa dizer que a noção da cidade e seus lugares, advinda da escrita literária, apresenta indiciamento de essências distintas e complementares que auxiliam na compreensão das suas nuances. Os estudos sobre cidade podem derivar de diferentes campos disciplinares e serem disputados por correntes de pensamentos distintas, as quais possuem profícuas influências teóricas<sup>3</sup> que se debruçam sobre os mais variados contextos urbanos e estabelecem caminhos para a sua compreensão.

Com a intenção de contribuir para o entendimento a respeito da cidade, no contexto social e espacial dos seus usos, perante um modo geográfico de sociedade globalizada, Oliveira M. (2014) apresenta algumas reflexões perspectivadas pelo amalgama dos fluxos das redes simultâneas mais fluidas, mais espessas e densas. Uma cidade que “[...] concentra pertencimentos distintos e ressignificados num movimento em constante mudança. Assim, vem entrelaçando a dominação objetiva e a apropriação simbólica, mais subjetiva fomentando não somente o controle físico, mas laços de identidade social”. (OLIVEIRA, M. M., 2014, p. 610).

De modo semelhante, Carlos (2007, p. 14) se refere à cidade como o espaço dos

[...] conjuntos vivos, nascidos da prática e compostos pelo dinamismo de cada nova geração, seja em sua dimensão da imensidade nômade [...] o espaço se compõe de experiências além de permitir a vida, lugar onde gerações sucessivas deixaram marcas, projetaram suas utopias, seu imaginário. Em seguida, articula-se o plano da análise da metrópole onde a constituição de urbano se revela enquanto modo de vida, de construção de uma cultura, hábitos, valores, produzindo um espaço, aquele da sociedade urbana, na qual a metrópole atual é a sua forma mais acabada.

Numa outra perspectiva, expomos a ideia de cidade apoiada nas obras de Santos (1988, 1999), nas quais percebemos que o espaço é a sua principal categoria de análise, descrito a partir das características da materialidade territorial e das características das ações. As narrativas *miltonianas* também trazem contribuições para compreender os processos da urbanização brasileira, assim como da concentração de renda provocada pela globalização perversa, que inclui em seu benefício uma parcela mínima da população mundial. As proposições cidadinas desse autor oferecem caminhos variados para problematizações sobre as complexidades do espaço geográfico e os seus modos de apropriação.

No contexto do planejamento urbano, Ecirio Barreto Santos de Oliveira (2021, p. 22) afirma que existe um planejamento desigual quando a cidade “[...] no contexto do modo de produção capitalista, tem sido produzida através do contraditório, no qual reina, de um lado, o progresso pregado pelos atores hegemônicos, e do outro, a miséria vivenciada e percebida pelos mais pobres”. Entendemos, assim,

<sup>3</sup> São diferentes pensamentos e teorização sobre cidades. Correntes de pensamentos que advêm da Escola Francesa, Escola Alemã, Escola Inglesa, Escola Americana e Escola Latino-Americana.

que, na hierarquia social, a camada que ocupa o topo tende a estruturar o sistema para que a sua posição de privilégio seja mantida. Todavia, evidenciamos o fato de que:

[...] a cidade é um fenômeno gerado pela interação complexa, jamais plenamente previsível ou manipulável, de uma miríade de agentes modeladores do espaço, interesses, significações e fatores estruturais, sendo o Estado apenas um dos condicionantes em jogo (ainda que seja um condicionante crucial nas modernas sociedades capitalista). (SOUZA, M. L., 2011, p. 52).

Ao desenvolver um estudo que aborda as teorias sobre cidade, Freitag (2012, p. 148) aponta para a necessidade de se fazer uma leitura levando em consideração que “[...] os novos contextos culturais, as diferentes forças políticas, as mais variadas influências regionais e orientações ideológicas fizeram emergir [...] alternativas para visualizar e pensar as cidades”. Não por acaso, ao abordar a temática cidade, no campo da geografia escolar dos sujeitos em formação, a partir dos seus lugares de vivência, Cavalcanti (2005, p. 3318) afirma que ela:

[...] é uma expressão da complexidade e da diversidade da experiência humana, da história humana. As cidades, em suas várias configurações, são arranjos que vão sendo produzidos para que seus habitantes – diferentes grupos, diferentes culturas, diferentes condições sociais – possam praticar a vida em comum, compartilhando nesses arranjos desejos, necessidades, problemas cotidianos. Elas se formam na e pela diversidade dos grupos que nelas vivem. Elas são o espaço da vida coletiva, pública. São, em si mesmas, um espaço público.

As concepções apresentadas permitem reconhecer a existência de interpretações sobre a cidade e as suas características distintas, ou, mais precisamente, sobre os aspectos que ajudam a perceber os usos e as formas de abordar o acontecer da vida cidadina. Logo, cabe ressaltar que, neste texto, as narrativas literárias – mais especificamente os relatos de Carolina de Jesus em seu diário – são tomadas como registros de grafias espaciais de sujeitos que narram, ou de geografias narradas, na condição de processo subjetivo de reconstrução, percepção e/ou representação de uma história de vida que ocorre em um dado recorte da cidade. Isso se assenta na justificativa de que, conforme destacam Marandola Júnior e Oliveira (2009, p. 493), mais do que uma arte, a “Literatura é entendida aqui como complemento ou como fonte de informações (descrições e representações) do espaço.”

E a cidade, segundo Meireles e Portugal (2012, p. 26), é concebida como

[...] o lugar escolhido pelos literatos, por excelência, para ambientar suas histórias; uma maneira de imortalizar o amor por sua terra natal, ou, simplesmente, uma forma de registro sobre a cidade escolhida para viver e produzir a vida, [...], manifestações expressas por diversos escritores: Carlos Drummond de Andrade – Itabira/MG; Charles Dickens – Londres; Cora Coralina – Cidade de Goiás/GO; Eça de Queiroz – Lisboa; Fiódor Dostoiévski – São Petersburgo; Honoré de Balzac – Paris; Mário Quintana e Luís Fernando Veríssimo – Porto Alegre/RS; Vinícius de Moraes – Rio de Janeiro/RJ; Manuel Bandeira – Recife/ PE; João Cabral de Melo Neto – Recife e Sevilha, dentre outros [...].

Em se tratando de literatura e do contato com o campo educativo escolar, por muitas vezes essa possibilidade de linguagem fica restrita aos componentes curriculares de Português, Redação e Literatura. Entretanto, é possível correlacionar diversas fontes literárias à geografia, em uma perspectiva interdisciplinar, pois nelas encontramos o contexto espaço-temporal, descrição de paisagens, fenômenos naturais e humanos.

Para Barros (2021, p. 16), “[...] a geografização das situações socioespaciais cotidianas pode ser percebida, entendida e interpretada por meio e entre diferentes formas, e linguagens, de ler, de escrever e de entender o mundo. A literatura é um desses exemplos [...]”. Ainda sobre o intercambiamento entre educação geográfica e narrativa literária, o autor reitera que: “[...] a ponte entre o saber geográfico e outras formas de conhecimento, como o literário, no processo de mobilização da Geografia, pode oportunizar um dinamismo nas abordagens de suas categorias, como lugar, paisagem, região, território e espaço [...]”. (BARROS, 2021, p. 16).

Nesse sentido, é pertinente destacar as colocações de Dal Gallo e Marandola Júnior (2010, p. 2) no que concerne à força da literatura como dimensão geográfica, ao afirmarem que:

A literatura é uma dessas formas de conhecimento que tem atraído a atenção dos geógrafos pela sua maneira particular de expressar e revelar os possíveis modos de vida, de indivíduos e coletividades. As narrativas literárias traçam possíveis geografias, instigando/convidando a uma reflexão das formas de ser-e-estar no mundo, com uma postura mais sensível e aberta. Os textos literários expressam percepções das qualidades do mundo vivido e das inter-relações sujeito-lugar nos revelando aspectos intangíveis da experiência.

Ao partir de tal entendimento, interpretamos que “[...] a literatura talvez seja a forma mais pura de apreensão da geograficidade. Nela, a trama da experiência de espaço-tempo da geograficidade aparece na forma direta e imediata das significações [...]”. (MOREIRA, 2007, p. 158). Isso reflete, para nós, como leitura histórica da cidade, e suas representações, que inscrita num determinado tempo revela inúmeras faces do seu processo de formação física e social.

Para além dessa condição, ela pode ser denúncia da marginalização de vidas e de lugares, como foi o caso de Carolina de Jesus, ao grafar em seu diário relatos do que viu, viveu e sentiu da miséria e da fome na comunidade do Canindé, em São Paulo. O próprio título da obra é uma analogia à favela a um depósito de trastes, a um ambiente de despejo concebido aos pobres da cidade.

A cidade no contexto literário é dada pelo sujeito e sua subjetividade, em que podem ser encontradas diferentes concepções e uma temporalidade entre o passado, o presente e o futuro. Marandola (2006, p. 66) afirma que “[...] o estudo das cidades, tão importante para a Geografia Humana que se consolidava, teria que dispor, além de mapas, estatísticas, estudos sociológicos e econômicos, também descrições literárias, que tão bem falam das cidades”. Ademais, quando a literatura vem sendo atrelada à geografia, “[...] sobressaem os debates que envolvem as produções da Literatura, como subsídio para a ampliação da compreensão das análises ensejadas no âmbito da ciência geográfica”. (LIMA e VIANA, 2017, p. 205).

Nessa perspectiva, a nossa intenção é, inclusive,

[...] pensar a possibilidade da interdisciplinaridade como alternativa para desenvolver os conceitos da Geografia por meio do texto literário. [...] E o texto literário como a possibilidade de junto com os conceitos geográficos [...] propiciar a construção do conhecimento [...], interpretando os fenômenos do mundo da vida, construindo explicações a partir de teóricos das duas áreas. (MORAES e CALLAI, 2020, p. 319).

Com base nesses autores, sobressaem os debates que envolvem a busca pela compreensão da geograficidade, oriundas dos “[...] sentimentos dos indivíduos em relação ao espaço e ao lugar, onde estes possuem experiências vívidas”. (LIMA e VIANA, 2017, p. 205). Mas mais que isso, reverberam-se proposituras geográficas para pensar, conceber e analisar a cidade no âmbito da educação geográfica, pois, quando voltamos o nosso olhar para o contexto da escola, a geografia se inscreve por múltiplas abordagens metodológicas, teóricas e conceituais, como geografia clássica, geografia crítica, geografia humanista.

Numa concepção semelhante, Marandola (2006, p. 66) ressalta que a “[...] literatura constitui-se, portanto, num documento que conta, cria e recria um momento espaço-temporal, trazendo elementos para se pensar a sociedade e o espaço que constitui o ambiente do escritor”. No âmbito da ciência geográfica, essencialmente, na geografia humana, as experiências e os sentimentos são os princípios medulares nessa corrente de pensamento desenvolvida com base nas ideias de Tuan (1980, 1983), acrescenta-se ainda a abordagem cultural de Claval (2008).

Mediante essas proposições, interpretamos que as produções literárias, de modo geral, descrevem algumas características que subsidiam a compreensão das cidades, no entanto, são narrativas sob a interpretação de quem escreve, cujos contextos descritos entrelaçam teias de vivências cotidianas advindas do imaginário do autor ou das experiências apreendidas com e na cidade. Sendo assim, é válido destacar que significativa parte das pesquisas que têm as narrativas literárias como fonte de investigação apresentam pontos comuns que convergem em:

1. **experiência:** “um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade” (TUAN, 1983, p. 9);
2. **subjetividade:** aqui é compreendida a partir dos diversos olhares e sentimentos direcionados às coisas, às pessoas, ao mundo e, sobretudo, “[...] a maneira pela qual o eu é afetado intimamente” (TUAN, 1983, p. 10);
3. **relação temporal:** é o recorte de análise dos fatos narrados, dos quais, podem ou não estabelecer relações com os processos atuais;
4. **símbolos territoriais:** que é tudo que possui significado atribuído por indivíduos ou grupos humanos e tem a “[...] base territorial intrinsecamente imbricado” (MELLO, 2008, p. 189);
5. **elementos identitários:** referem-se propriamente aos elementos que exprimem valores identitários a partir do sentimento de pertencimento (POLLICE, 2010).

As narrativas literárias são evocadas e concebidas geograficamente pelos estudiosos da educação geográfica por tudo que elas resultam. O fato de narrar algo, enquanto representação do mundo do outro, implica guardar práticas espaciais que auxiliam, a princípio, na apreensão de contextos da vida cotidiana de alunos e de professores, assim como na análise e na interpretação dos lugares nas cidades. Além disso, cada narrativa literária assume as marcas, as memórias e as subjetividades do sujeito-narrador, permitindo-lhe construir ou reafirmar a sua identidade, no movimento contrário ao processo homogeneizante. Portanto,

Ao conceber a Geografia como uma ciência que apresenta pontos fulcrais com a realidade social cotidiana do sujeito, seu trato com a Literatura se torna uma proposição potente para a reflexividade de uma dada conjuntura espacial que se pretende problematizar. Até porque o olhar que o sujeito-literato projeta sobre o ambiente-cenário em que as tramas se tecem revela uma escrita atravessada de subjetividades, de sentidos e de significados, cujas ressonâncias emergem de situações geográficas vividas, experienciadas ou percebidas ao longo da vida. A narrativa não é um instrumento neutro. Quem a lê, também a (re)textualiza. (BARROS, 2021, p. 17)

Ao recorrermos a esse artifício de linguagem para pensar a educação geográfica, estamos reconhecendo a força da literatura como impressão e expressão geográfica de mundo, mediante o olhar do outro e para o outro, o que conflui no entendimento de que “[...] se nossos alunos puderem ter na geografia um instrumento útil de leitura do mundo, estaremos ajudando a construir não só uma escola como uma sociedade mais crítica e indignada contra toda e qualquer miséria humana”. (KAERCHER, 2010, p. 16). Geografia e literatura podem ser o ponto de partida, à medida que elencamos vozes que narram vivências geográficas, traduzindo o ritmo da vida ao contexto espacial dos sujeitos envolvidos na prática social do cotidiano, como é o caso de Carolina Maria de Jesus (1960) em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*.

## **A GRAFIA DA CIDADE NO DIÁRIO DE UMA FAVELADA – OLHARES À EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA**

A abertura desta seção começa pelo sentido da questão que mobilizou a escrita deste texto: como, então, os escritos da cidade podem ser compreendidos por meio da interpretação das narrativas literárias, especificamente, da narrativa da autora-catadora de papel Carolina Maria de Jesus? E como isso pode ser reverberar num modo de pensar a educação geográfica?

Enfatizamos, desde já, que há um desafio de refletir sobre a cidade através do olhar e das impressões de uma cidadã que não fez/faz parte do espaço acadêmico, mas por meio das suas leituras sobre o vivido. Utilizando-se de uma linguagem simples em seus escritos de literatura-verdade, ela ecoou uma voz que acreditou na existência humana em qualquer tempo, em qualquer espaço, e que atravessou o construtivismo tradicional ao trazer as suas acepções sobre a grafia da vida.

As concepções as quais nos reportamos dizem respeito às travessias narradas pelas ruas da cidade, perante um modo de vida marcado por um processo de múltiplas experiências geográficas, em diferentes ambientes e situações culturais: desde as dificuldades financeiras e a resistência de firmamento nas relações afetivas de Carolina de Jesus, enquanto mulher negra, até a materialidade do cenário narrativo, mediante a precarização dos espaços onde a vida acontece, como o quintal da residência, a porta de casa, a fila formada para pegar água.

Mesmo nas agruras da exclusão social, vivenciadas num cotidiano de ausências, como a falta de moradia digna, de sapatos e de roupas para os filhos, assim como pela configuração da fome que maltratava o corpo e feria a alma da personagem narradora, ao catar no lixo restos de ossos e de comidas como alternativa de alimentação para si e para os seus. Como tática de refúgio da dor causada pela marginalidade em que vivia, Carolina recorria à escrita como fuga de si mesma e das situações de exclusão e de miséria que ela experimentava na sua grafia social e espacial.

Dentro de uma propositura de educação geográfica, a partir da geografia de Carolina de Jesus, é possível pensar em alternativas pedagógicas em que o espaço da cidade entre em cena para se problematizar questões como: desigualdades sociais – com foco na miséria e na fome –, tipos de moradias, favelização, marginalização espacial, as complexas paisagens urbanas, o papel da mulher negra na sociedade, o lixo urbano, dentre outras temáticas geográficas que a narrativa *Quarto de Despejos* contempla. Isso porque entendemos que “[...] a geografia tem como objetivo compreender a

vida de cada um de nós desvendando os sentidos, os porquês das paisagens em que vivemos e vemos serem como são”. (KAERCHER, 2010, p. 12).

Vale ressaltar que *Quarto de despejo: diário de uma favelada* é uma obra que teve a sua primeira publicação em 1960. Escrita na primeira pessoa, a narrativa apresenta acontecimentos que seguem descritos sob um ordenamento cronológico, fato que permite ao leitor criar conexões, articulações com variados contextos, situações e acontecimentos narrados.

A obra é uma produção discursiva, socialmente localizada, estruturada de modo que desperta a sensação de um fim que nunca se alcança, por não haver desfecho como os romances que ensaiam finais felizes. Trata-se de escritos que relatam situações experimentadas e expressadas como uma geografia do cotidiano que podem servir de base para a mobilização da prática geográfica escolar no que tange à temática da geografia urbana e seus desdobramentos.

Nas suas grafias contundentes e originais, o ato de Carolina de Jesus narrar a vida num diário pessoal traduz o silêncio, o testemunho histórico e geográfico de uma determinada espacialidade temporal, a raiva e a dor que atravessa o corpo da narradora, cuja materialidade se perfaz num corpo magro e franzino, com situações em que a dor de estômago dimensiona a natureza da fome; uma voz portadora de saber, da ancestralidade que se reverbera no contemporâneo. Ademais, trata-se de uma obra que revela, a cada leitura, os detalhes, as insurgências e as questões do cotidiano da vida de sujeitos que conhecem de perto as dificuldades de morar numa favela que compõe parte do espaço da maior metrópole do país.

A trajetória literária de Carolina de Jesus inspirou tantas mulheres negras que muitas delas se tornaram *Carolinas: a nova geração de escritoras negras brasileiras* (2021), discípulas de uma cadeia produtiva de narrativas do ontem, do hoje e do amanhã. Ferreira (2021, p. 184), uma das escritoras que participou dessa obra que representa a literatura contemporânea, revelou que a escrita que narra a experiência da vida provoca em quem narra gatilhos e medo ao sinalizar que,

Quando escrevo, escaneio minhas emoções, meus pensamentos, sinto-me despida, a ideia de que o outro me veja através da escrita me causa a sensação de espancamento. Tenho medo de que, ao me expor, o outro zombe da minha dor, pisoteie as marcas deixadas pela minha caminhada.

Com o anseio de narrar a sua rotina e as dificuldades inerentes àqueles que vivem a favela, a partir de uma escrita diária, Carolina entoou a sua voz em tom audível que, por muitas vezes, foi silenciada, por causa da sua condição de mulher negra periférica, migrante e favelada. No entanto, esses condicionantes construídos socialmente contribuíram para que a autora não hesitasse em escrever “[...] um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa”. (JESUS, 1960, p. 17).

Ou seja, *Quarto de despejos: diário de uma favelada* é uma obra autobiográfica que entrecruza e comporta histórias de quem vive intimamente o cotidiano geográfico da favela, tornando-se elemento fecundo para o processo educativo da geografia escolar. A literatura também é um modo de conceber e evidenciar a legitimidade de fatos sociais, políticos e geográficos, uma vez que, através da escrita, há o retrato do dia a dia, do cotidiano, dos cenários-paisagens que compõem geografias de lugares, como da comunidade Canindé, na cidade de São Paulo,<sup>4</sup> grafada por Carolina na segunda metade do século passado.

Com uma linguagem hodierna, a autora traçou um panorama crítico sobre o contexto político, econômico e social da década de 1950, período em que foi mais intensificado o processo de industrialização no Brasil. Toda a sua narração é datada por dia e mês, com alguns trechos longos e outros resumidos em frases, permitindo que haja uma relação entre quem narra, o tempo e a criação da imagem dos lugares descritos “[...] na medida em aquele que emite a mensagem – tal qual o recebe – cria diversas imagens em tempos distintos. Ao estabelecer a narrativa de um fato – seja aquele que emite ou recebe – cria imagens distintas do evento narrado” (ASSUMPTÃO e FERREIRA, 2017, p. 4), possibilitando ao leitor associar os fatos diários aos contextos que ultrapassam os limites da favela e a sua dinâmica.

<sup>4</sup> “Historicamente, São Paulo foi o destino de diversas correntes migratórias. Na segunda metade do século XX, a aceleração das atividades industriais a força de trabalho ociosa ou subocupada das áreas rurais ou semi rurais. A ‘locomotiva do Brasil’ atraía migrantes de todos os locais do país, e a favela, um fenômeno recente por essa época, tornou-se pauta do debate político. A favela de Canindé, onde Carolina residia, era povoada principalmente por migrantes que começaram a chegar à cidade da indústria e do trabalho”. (MIRANDA, 2013, p. 33).

Vale salientar que não há necessidade de uma leitura minuciosa para que seja possível, de imediato, por meio da obra *Quarto de despejo*, apreender conceitos, contextos, características dos ambientes descritos, e não menos importante, inspirar escritos acadêmicos, poesias, movimentos sociais e alternativas pedagógicas no âmbito da educação geográfica. No entanto, torna-se profícuo mencionar que as narrativas retratam um corpo feminino negro, de uma condição desigual, de uma experiência marcada pela herança de um país que se manteve durante 300 anos através do regime da escravidão. Santos e Souza (2011, p. 317) ressaltam:

[...] a maneira como a obra atua no sentido de denunciar a situação precária, desumana, à qual está exposta uma grande parcela da população, que vive em favelas, às margens da sociedade. Seus escritos são, inquestionavelmente, de relevância neste sentido, pois retrata a voz do marginalizado falando de sua própria história, registrada segundo a sua perspectiva.

A importância das obras literárias como fonte que abre a perspectiva de se pensar sobre cidade nos lembra o que Carlos (2007, p. 14) afirma quando discute o lugar no/do mundo, pois, é no lugar que se constroem “[...] o viver e o habitar, o uso e o consumo, os processos de apropriação do espaço. Ao mesmo tempo, posto que preenchido por múltiplas coações, expõe as pressões que se exercem em todos os níveis”. Logo, há na cidade diferentes modos de apropriação dos lugares construídos pelas narrativas literárias, registrados em obras, como *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Nessa referência, inscreve-se a possibilidade de entender que a literatura e a cidade “[...] são acúmulos de conhecimento, repositório do saber [...] e possuem caráter de transmissão de experiências vividas” (ASSUMPCÃO e FERREIRA, 2017, p. 5), interpretadas em espaços e temporalidades geográficas diferentes.

Na narrativa literária de Carolina de Jesus, a favela é apresentada através de uma visão de quem experimenta a miséria social, vivificada em um espaço urbano desordenado. Não se trata do olhar do outro, de uma visão romântica literária de dor e de sofrimento alheio, mas das impressões de quem sente a invisibilidade e o emudecimento social, de quem experiencia o amargo da fome. É um falar de dentro das próprias circunstâncias.

Esse procedimento faz com o que o leitor se torne um interlocutor, que apenas não acompanha o relato de uma vida segregada, mas que consegue visualizar os cenários marginalizados, problematizar sobre os descertos sociais, imaginar as paisagens que envolvem o cotidiano da autora e despertar para a reflexividade de uma geografia marcada pela precariedade de vida e de lugares, escrita e descrita por meio de sentimentos de dor e sofrimento perante o abandono social. É, por assim dizer, um testemunho de uma realidade geográfica dolorosa, desigual e desumana.

Em seus escritos, a autora revela um modo de existência não tão diferente do que se espera de um sistema que sacrifica vidas humanas em detrimento da concentração de renda, em que a fome insiste em se tornar protagonista de tantas histórias de vida: “[...] na favela é a minoria quem toma café. Os favelados comem quando arranjam o que comer”. (JESUS, 1960, p. 30).

A temática da injustiça social, marcada pela fome e pela vida no lixo, comporta-se como uma situação geográfica que inclui a maioria das pessoas em condições de desigualdade, ao ponto de despertar o sentimento de retrocesso não só no sujeito-narrador, como também sujeito-interlocutor da narrativa. Carolina escreve que:

Para mim (para nós os favelados) o mundo em vez de evoluir está retornando a primitividade. Quem não conhece a fome há de dizer: ‘quem escreve isto é louco’. Mas quem passa fome há de dizer – Muito bem, Carolina. Os gêneros alimentícios deve ser ao alcance de todos. (JESUS, 1960, p. 34)

No decorrer do livro, existe a presença de diálogos que a autora desenvolve com outros sujeitos que vivenciam as mesmas dificuldades geográficas, que são produtos da exclusão social. Dentre eles, ressaltamos o trecho em que um senhor responde à Carolina, quando ela questiona sobre sua condição de sobrevivência: “[...] eu não posso trabalhar na cidade porque aqui tudo é a dinheiro e eu não encontro emprego porque já sou idoso. Eu sei que eu vou morrer porque a fome é a pior das enfermidades”. (JESUS, 1960, p. 49).

Essa forma de ler a vida na favela evidencia traços hostis do ambiente citadino que culminam na expulsão de sujeitos que não oferecem vitalidade para a exploração da mão de obra. O senso de humanidade desaparece em meio aos interesses individuais. Para além disso, uma narrativa que coloca em destaque a importância de se ter uma gestão pública que promova a equidade socioeconômica.

Outra questão que emerge dos escritos de Carolina de Jesus é a condição da mulher negra como chefe de família. Isso fica evidenciado na sua narrativa quando há o destaque no processo de alimentação dos filhos: “[...] como é horrível ver um filho comer e perguntar: tem mais? Esta palavra ‘tem mais’ fica oscilando dentro do cérebro de uma mãe que olha as panelas e não tem mais”. (JESUS, 1960, p. 34). Sua reclamação está aliada às de tantas outras mulheres que assumem sozinhas a responsabilidade em adquirir recursos que garantam a sustentação dos seus filhos, já que o abandono e a ausência dos pais e do Estado são tão presentes.

Ao correlacionarmos tal proposição numa lógica para se pensar a educação geográfica e o trato com as questões cidadinas, materializadas nos espaços periféricos da cidade, aportamos no entendimento de que “[...] é no encontro/confronto da geografia cotidiana, da dimensão do espaço vivido pelos alunos, com a dimensão da geografia científica, do espaço concebido por essa ciência, que se tem a possibilidade de reelaboração e melhor compreensão do vivido”. (CAVALCANTI, 2010, p. 141). Por isso, é pertinente pontuar que a fome atravessa a temática geográfica escolar, pois ela configura-se como uma ação-reação da própria existência, não podendo, jamais, ser tratada como algo natural. Pessoas morrem de fome e pela fome. É algo social, desigual e desumano. A fome é uma questão de dimensão política, muitas vezes renegada.

Para sermos mais específicos, segundo dados da pesquisa realizada pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar<sup>5</sup> (REDE PENSSAN), em 2022, 33,1 milhões<sup>6</sup> de brasileiros estão em condições de insegurança alimentar ou passando fome, condição esta que se torna mais grave quando a pessoa responsável pelo domicílio for a mulher preta ou parda e de baixa escolaridade.

Esses dados sinalizam que muitas mulheres brasileiras enfrentam diariamente percalços semelhantes aos de Carolina e que por vezes travam a mesma narrativa e batalha contra a fome. Vale lembrar que nem sempre ouvimos o que essas pessoas têm a dizer, a denunciar acerca de suas próprias situações.

Relatos como os impressos em *Quarto de despejos* nos fazem refletir sobre como a condição humana desigual precisa ser problematizada nos espaços de formação dos sujeitos. A geografia pode ser uma grande aliada nesse processo de reflexão. Um relato como o que apresentaremos a seguir é potencialmente revelador de uma geografia desigual – em que a alimentação é artifício de luxo –, pois não exprimem somente a realidade dolosa de uma mãe, mas escancara a desigualdade social e espacial de um determinado local: “[...] hoje é o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu não posso fazer uma festinha porque isto é o mesmo que querer agarrar o sol com mãos. Hoje não vai ter almoço. Só Jantar”. (JESUS, 1960, p. 83).

É importante mencionar que no dia 15 de novembro de 2021 foi noticiado<sup>7</sup> que a cada quatro crianças atendidas nos serviços de Atenção Básica, apenas uma completa as três principais refeições do dia: café da manhã, almoço e jantar. Ao focarmos nas questões demográficas do país e nas condições socioeconômicas, na prática geográfica escolar, podemos tecer uma reflexão literária-geográfica evidenciando que essas crianças imprimem, assim como os filhos de Carolina imprimiram, a violência e a desigualdade socioeconômica personificada em seus corpos. Em revés de estarem resguardadas, nutridas por uma educação de qualidade e por alimentos que colaboram para o desenvolvimento humano – evitando desnutrição e mortalidade infantil –, crianças estão à mercê de um contexto cada vez mais violento e precário.

Quando são visibilizadas as questões socioeconômicas do espaço urbano, fazendo alusão ao lugar das crianças de Carolina na narrativa literária e nos dados sobre fome e desnutrição no país, para o

<sup>5</sup> É uma rede nacional de pesquisa em SSAN que teve início com a instituição do Grupo Pró-Rede de Pesquisadores e Pesquisadoras em SAN, articulação prevista em proposições das Conferências Nacionais de SAN e no Seminário de Pesquisa em SAN, realizado em dezembro de 2012, em Brasília, pelo Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea) em parceria com o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) e Ministério das Relações Exteriores (MRE). Este seminário produziu uma Carta Política a qual indicou a necessidade de constituir uma rede de pesquisadores (as) em SAN no Brasil. Para saber mais acesse: <https://pesquisassan.net.br/historico/>.

<sup>6</sup> 2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil, está disponível na web, ver em: <https://www.oxfam.org.br/noticias/fome-avanca-no-brasil-em-2022-e-atinge-331-milhoes-de-pessoas/>.

<sup>7</sup> Ver notícia na íntegra: <https://g1.globo.com/saude/noticia/2021/11/15/com-a-pandemia-apenas-1-em-cada-4-criancas-da-atencao-basica-realiza-ao-menos-as-tres-principais-refeicoes-do-dia.ghtml>.

processo de educação geográfica, se está reafirmando e firmando um papel de responsabilidade e de participação social da pessoa em formação escolar e geográfica no processo de produção do espaço da cidade, revelando que “[...] a escola e a geografia escolar têm possibilidade de realizar a formação desse cidadão, compartilhando experiências de intercâmbio e de relações sociais diversas [...]”. (CAVALCANTI, 2010, p. 142).

As condições de moradia da pessoa-narradora também reafirmam o caráter geográfico e educativo que a narrativa de Carolina imprime e exprime ao abordar a precariedade do espaço urbano ocupado: “[...] o telhado é coberto com papelões e os papelões já apodreceram. As águas estão aumentando e invadindo os quintais dos favelados”. (JESUS, 1960, p. 132). Não parece que são relatos que se inscrevem na década de 1950, pois a temporalidade dos acontecimentos entra no pêndulo que oscila entre o passado e o presente, tendo em vista que os aspectos técnicos (estruturais), ambientais, sanitários, econômicos e de acessibilidade – à infraestrutura, por exemplo – são precarizados e/ou quase inexistentes também na contemporaneidade.

Em *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), a autora não se sente pertencente ao lugar, no qual vivencia suas experiências, o que lhe permite olhar criticamente as condições dos favelados. Sua relutância em ver-se-como parte da favela abre precedentes para evidenciarmos que nem todo lugar é constituído como parte mobilizadora da construção identitária.

No entanto, ao abordamos a compreensão do conceito de lugar na educação geográfica, identificamos que o texto literário em análise se encontra permeado de indicativos que remetem a tal categoria geográfica, tanto pelos sentimentos expressos pela narradora, que dão base para ser interpretados sob o olhar de dor e de revolta, quanto pela necessidade de firmar-se no ambiente, sendo que numa condição de moradia mais digna. São condições que nos remetem aos estudos de Tuan (1980), que enfatizam as relações humanas em seus aspectos intersubjetivos com o meio ambiente, seja ele natural, físico, seja no imaginário social, no espaço compartilhado em vivência coletiva.

Ao recorremos à literatura-verdade de Carolina no processo de mobilização geográfica escolar, é possível destacar a percepção da geografia social da pessoa que narra e problematizar o que seria uma condição ideal de vida, a partir dos sonhos e da imaginação da autora:

[...] sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito ela vive pedindo. Porque eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife, despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, às margens do Tietê. E com 9 cruzeiros apenas. Não tenho açúcar porque ontem eu saí e os meninos comeram o pouco que eu tinha. (JESUS, 1960, p. 35).

Sobressai nessa narrativa diversos caminhos para análise geográfica escolar. Caminhos que não são independentes, na verdade, são reflexos um do outro, a começar pelo sonho que é contrastado pelo percalço de uma realidade espacial que não adoça a vida social de todos.

Em seguida, pela concepção da cidade entendida como espaço que foi construído para pertencer a um determinado grupo humano, despertando nela o sentimento de não pertencer a lugar algum que não seja o lugar da subalternidade e da miséria. No contexto da educação geográfica, há a possibilidade de levar o sujeito escolar a compreender, de acordo com Cavalcanti (2010, p. 143), que “[...] muitos fatos e fenômenos que vivem em nível local são equivalentes a outros que ocorrem diferentes lugares, de diversos países e continentes, e que isso acontece porque são impulsionados e regidos por uma lógica mais geral, uma lógica mais global”.

A partir dessa compreensão, é possível proporcionar situações de ensino e de aprendizagem em que os sujeitos escolares possam problematizar as situações geográficas do cotidiano social em que vivem e do cotidiano social do outro, contemplando múltiplas temáticas e escalas geográficas de análise – como meio ambiente urbano, recursos hídricos, ocupação dos espaços urbanos, poluição ambiental e representação social dos sujeitos a partir dos espaços de moradia, conforme o excerto narrativo a seguir: “[...] as margens do rio são os lugares do lixo dos marginais. Gente da favela é considerado marginais. Não mais se vê os corvos voando as margens do rio, perto dos lixos. Os homens desempregados substituíram os corvos”. (JESUS, 1960, p. 48). De modo subjetivo, o rio ressoa como limite que divide os lugares que compõem a cidade, semiotizando espaços de quem vive numa condição social superior ou inferior.

As imagens da cidade de São Paulo apreendidas sob o olhar geoliterário de Jesus (1960, p. 35) figuram-se como um espaço de referência de vida digna. Carolina descreve e define a cidade como um “[...] palácio” por enxergar no ambiente urbano, mais especificamente na cidade como um todo, as condições de vida que sonha para si e para seus filhos. Sobre essa impressão construída pela autora sobre tal cidade, segue a narrativa:

Quando eu vou na cidade tenho a impressão que estou no paraíso. Acho sublime ver aquelas mulheres e crianças tão bem vestidas. Tão diferentes da favela. As casas com seus vasos de flores e cores variadas. Aquelas paisagens há de encantar os olhos dos visitantes de São Paulo, que ignoram que a cidade mais afamada da América do Sul está enferma. Com suas úlceras. As favelas. (JESUS, 1960, p. 76).

Numa ambivalência de sentimentos, a autora se desloca para uma análise crítica e reflete sobre as diferenças, os conflitos, ambiguidades que emergem da favela, lugar que habita. Vale salientar que o olhar dela recai sobre a luta intensa e inacabada pelo direito à cidade, que está para além do direito à moradia e à mobilidade. É, sobretudo, pertencer aos laços sociais construídos mediante a uma vida coletiva.

Para ressaltar o aspecto destoante que emerge da cidade de São Paulo, ela exclama de forma crítica e poética: “[...] oh! São Paulo rainha que ostenta vaidosa a tua coroa de ouro que são os arranha-céus. Que veste viludo e seda e calça meias de algodão que é a favela”. (JESUS, 1960, p. 37). Em tal perspectiva, a cidade é caracterizada como uma composição territorial fragmentada que apresenta os grupos excluídos que sucumbem de um lado, ocupando tipos de moradias precárias e, de outro, privilegiados que vivenciam cotidianamente condições de vida favoráveis.

Ainda se faz necessário registrar, por meio da escrita de Jesus (1960), que alguns fazeres geográficos escolares podem ser mobilizados, no âmbito da geografia urbana, por meio de questões ligadas às práticas ilegais de remoção das famílias de baixa renda que ocupam áreas cujo dono, o Estado, com sua soberania sobre os territórios da cidade, decide quem pode ou não ocupar. Assim, a narrativa seguinte entra em confluência com a abordagem pedagógica da geografia no contexto político que o direito à cidade se inscreve:

Ouvi uns buatos que os fiscais vieram requerer que os favelados desocupem o terreno do Estado onde eles fizeram barrações sem ordem. Várias pessoas que tinham barracões aqui na favela transferiram para o terreno do Estado, porque lá quando chove não há lama. Eles disseram que vão construir um parque infantil. O que eu acho esquisito é que o terreno tinha alvenaria. E foi desapropriado. (JESUS, 1960, p. 65).

O “esquisito”, para Carolina, e para nós, transparece como ato de exclusão e de expulsão que reverbera diretamente nos sujeitos negros, na maioria das vezes. Historicamente, os ditames econômicos e políticos no Brasil trabalharam para delimitar o lugar que os oprimidos podem ocupar – aquele que Carolina denomina como *Quarto de Despejo*, o qual descreve como reduto das mazelas sociais, que destrói, sobretudo, sonhos que são afogados a cada enchente e são asfixiados pela lama que passa a existir quando chove.

Dessa forma, na condição de literatura-testemunho de uma realidade geográfica dolorosa, a obra em questão figura-se como uma narrativa que contempla uma multiplicidade de temáticas que balizam dimensões geográficas perante situações espaciais na cidade, que podem servir de base para o processo geográfico escolar. Contudo, mais que uma abordagem urbana, é uma narrativa que contempla geografias outras.

## **DOS ENTRELACES ENTRE *QUARTO DE DESPEJO* E EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA: NOTAS FINAIS**

A finalização deste texto aporta uma narrativa de Carolina de Jesus para reconhecer que “[...] a vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o encerramento. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro”. (JESUS, 1960, p. 147).

Então, o que discorrer desse relato que, ao ser lido, nos toca, ao passo que expande o conhecimento de uma pessoa que experienciou a vida em lugares segregados da cidade, ao longo do tempo? Podemos apontar que é uma narrativa que declara a consciência racial e espacial, fincada por toda uma trajetória geográfica atenta às sutilezas de uma geografia concebida de forma intersubjetiva. Isso

porque Carolina não revela simplesmente fatos isolados, ela traça episódios que incidem sobre um espaço da cidade: a favela, a qual representa muitas dimensões e significados.

Ao narrar sobre o cotidiano na favela, Jesus (1960) retrata fenômenos do mundo da vida, episódios que compõem as histórias que contemplam narrativas sobre temas como a fome, a corrupção política, a miséria, as moradias, as desigualdades, o racismo, a educação, o cotidiano, dentre outros. A cidade se sobressai para além de uma construção técnica, ora aparece como contraste social, resultado da superposição dos poderes hegemônicos, ora como cenário de felicidade, lugar da vida cotidiana.

*Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960) é uma obra que registra em diferentes passagens a espacialidade da favela que expressa a resistência, a experiência do sujeito que é indiferente com o lugar que, de certa forma, molda sua vida. Isso tende a fortalecer a narrativa em tela como significativo elemento de composição geográfica para a prática educativa.

Entendemos que as narrativas literárias tornam uma fonte de conhecimento à medida que cada professor-pesquisador se permite experimentar saberes e metodologias diferentes. Foi nesse sentido de caminhar por outra realidade que a escrita deste artigo teve como objetivo expor a narrativa literária da autora Carolina de Jesus como texto para potencializar pesquisas sobre cidade, e como isso pode se reverberar no processo de educação geográfica, ao contemplar a abordagem de temas, fenômenos, fatos e processos geográficos. Contudo, conforme defendem Silva e Barbosa (2014, p. 84),

É fundamental compreendermos os processos relacionais do ensino de Geografia e Literatura por um viés crítico e que possamos assumir a orientação pedagógica pelo cotidiano ligando a literatura à realidade dos alunos. Urge empenharmos nas análises das obras literárias não pela 'procura' dos conceitos e categorias geográficas, mas pela totalidade da própria Geografia explicitada na obra literária.

As ações e mobilizações espaciais que marcam e grafam os movimentos geográficos de alunos e professores podem e devem ser consideradas no processo de educação geográfica, pois repercutem dinâmicas de experiências humanas tanto no campo quanto na cidade. São escritos socioespaciais que norteiam e talham múltiplas composições geográficas, tantas vezes reverberadas no campo das artes, da literatura, das histórias em quadrinhos, assim como no âmbito das narrativas que exprimem modos de vivificar a cidade. Por isso, a inquietação que entra em evidência ao articularmos a confluência entre educação, cidade e narrativa literária para pensar a geografia na/da vida dos estudantes é: "Como aproximar a *cidade ensinada* pela geografia da *cidade vivida* pelos alunos?" (CAVALCANTI, 2013, p. 65, grifo da autora). Seria, então, a literatura um desses caminhos? E a obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* uma possibilidade? Mas quais caminhos seguir?

No âmbito da educação geográfica, aportamos a Cavalcanti (2013) para enfatizar a necessidade de contextualizar a prática de ensino por meio de dispositivos didáticos que possibilitem a abordagem dos conteúdos diversos, inclusive a dimensão da cidade. Para a autora, "a cidade estudada nas aulas de geografia não é a mesma vivida empiricamente pelos alunos. Ela é uma abstração, uma construção teórica, uma leitura sobre a realidade". (CAVALCANTI, 2013, p. 91). Ainda conforme a proposição concernente ao ensino de Geografia, ela destaca: "[...] é como objeto do pensamento que os conteúdos da cidade devem ser tomados". (CAVALCANTI, 2013, p. 91), e a mediação do professor se faz necessária, tendo em vista o desenvolvimento e a relevância do pensamento teórico-científico e sua contextualização, potencializando a abordagem de questões da vida cotidiana.

Seja qual for com o caminho de análise da obra literária *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), as narrativas sobre a vida na cidade permitem articular considerações a respeito de contextos variados e de múltiplas questões. Fato que ressalta a importância das narrativas literárias como fonte de pesquisa que guardam verdadeiras experiências da realidade e enriquecem as relações acadêmicas e educativas quando oferecem, majoritariamente, percepções originais.

Foi das percepções originais que a nossa análise se enquadrou ao buscarmos compreender os fatos narrados, cujas histórias e situações vividas pela personagem e autora retratam uma realidade geográfica empírica, compondo tessituras à educação geográfica, uma vez que as histórias narradas, ambientadas em uma metrópole, transversalizam conceitos e temas geográficos, ao colocar em debate, dentre outras tantas, questões vinculadas à dimensão da vida na cidade. Carolina, discursivamente, traçou seu percurso biográfico, analisou criticamente as relações de poder e hierarquias numa perspectiva de classe, gênero e raça ao narrar vivências experienciadas por ela e outros sujeitos que compartilhavam a geografia da favela.

Embora tenham sido escritas na segunda metade do século passado, as histórias que compõem o enredo do diário de Carolina de Jesus foram transformadas em livro, retratando uma realidade geográfica do presente no passado. O cotidiano da vida de uma mulher negra, pobre e com baixa escolarização, retratada de modo visceral, é o elemento estruturante da obra, cujas narrativas sobre a vida na favela revelam as diferenças sociais, culturais e econômicas que uma cidade comporta. Os lugares da cidade de São Paulo, sobretudo as comunidades pobres, foram e são os cenários do acontecer da vida de milhares de pessoas que, no seu dia a dia, criam estratégias para viver, para sobreviver frente às desigualdades que lhes são impostas.

As narrativas que compõem *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960) descrevem paisagens, revelam vivências e experiências da personagem-autora que, mediante a militância literária, dá vida ao enredo, o qual entrelaça denúncias sociais e recupera, por meio do seu discurso, a sua condição de cidadã. Na obra, o conceito de cidade que emerge da narrativa coaduna com a concepção de Evaristo (2006), pois ambas, a partir das suas “escrevivências”, expõem a cidade sob a ótica da mulher negra que vivencia a vida em uma conjuntura desigual.

Ressaltamos, ainda, que não procede pensar a cidade sem considerar as vozes narradas nas literaturas – publicadas ou silenciadas para não lhes subtrair o direito de fala, de escuta, o espaço de denúncia, de emoções, de criação, de resistência e demarcação. Se assim o for, é ignorar o poder exercido por meio da escrita, da construção propositiva, da possibilidade de um desenvolvimento por igual, e não menos importante, ignorar o lugar plural de vidas e ações coletivas.

O olhar espacial de Carolina de Jesus, materializado nas narrativas que compõem a obra analisada retrata a realidade social, evidencia as marcas inscritas no espaço da cidade de São Paulo e testemunha vivências e experiências, sobretudo nos lugares e na dinâmica da vida em uma favela.

A escrita da cidade, dada as suas contradições, e os escritos narrativos de Carolina de Jesus, com marcas das situações experienciadas, contemplam a tríade lefebvriana da produção do espaço (LEFEBVRE, 2013), por meio dos conceitos percebido, concebido e vivido. Essa tríade presente na obra, objeto da escrita destas reflexões, enlaça geografias em convergência, cujas práticas espaciais comportam múltiplas dimensões que se entrelaçam na realidade cotidiana, evidenciando a fragmentação, a diversidade e a apropriação da vida urbana.

Carolina de Jesus, nas suas andanças e incursões pela cidade, capturou muitas cenas, testemunhou e vivenciou muitos eventos, retratou em palavras as mazelas da condição humana nos lugares da cidade de São Paulo, ao considerar as diferentes dimensões – sociais, econômicas, culturais e políticas – nas histórias narradas, dando sentido e significado ao vivido.

Ao imbricar, interdisciplinarmente, a geografia e a literatura, a partir da análise da obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), intentamos reafirmar a potencialidade didático-pedagógica que emerge da leitura e interpretação das narrativas literárias, as quais possibilitam a abordagem e a compreensão de conceitos e temas da geografia escolar.

Por isso, assumimos a ideia de que essas geografias literaturizadas, ou essas literaturas geografizadas, enredam vidas, entrecruzam espaços e dimensionam movimentos formativos que permeiam o processo de educação geográfica, ao possibilitar, do ponto de vista teórico-conceitual e metodológico, a apreensão de fenômenos, fatos e processos geográficos na dimensão espaço-temporal, por meio da literatura no contexto educativo e em suas dimensões interdisciplinares.

## REFERÊNCIAS

- ASSUMPTÃO, V.R.; FERREIRA, V.J. Jane. Narrativas da cidade: uma aproximação entre memória coletiva, cidade e literatura. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL ENANPUR, 17., 2017, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: Anpur, 2017. p. 1-8. Disponível em: <http://www.anpur.org.br/ojs/index.php/anaisenanpur/article/view/1927/1906>. Acesso em: 23 jul. 2022.
- ARRUDA, A.A. **Carolina Maria de Jesus**: projeto literário e edição crítica de um romance inédito. 2015. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.
- BARROS, J.S.A. (Geo)grafia de *Morte e Vida Severina* na Educação Geográfica. *In*: BARROS, J.S.A.; ARAGÃO, W.A. **Nos caminhos da Educação Geográfica**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2021. p. 13-34.

- BOLIVAR, A.B. '¿De nobis ipsis silemus?': epistemologia de la investigación biográfico-narrativa em educación. **Revista Eletrônica de Investigação Educativa**, [s. l.], v. 4, n. 1, p. 1-26, 2002. Disponível em: <http://redie.uabc.mx/vol4no1/contenido-bolivar.html>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- BRANCO, M.C.C.C. **Brasília**: narrativas urbanas. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2006. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922006000100017>
- CARLOS, A.F.A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Labur Edições, 2007.
- CARVALHO, D.R. As práticas espaciais do percebido, concebido e vivido nos municípios de Lisboa e Sintra. **Revista de Geografia**, Recife, v. 29, n. 3, p. 37-53, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/view/229001>. Acesso em: 2 fev. 2023.
- CAVALCANTI, L.S. A cidade ensinada e a cidade vivida: encontros e reflexões no ensino de geografia. In: CAVALCANTI, L.S. (org.). **Temas da Geografia na escola básica**. Campinas: Papius, 2013. p. 65-93.
- CAVALCANTI, L.S. **A geografia escolar e a cidade**: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. 3. ed. Campinas: Papius, 2010.
- CAVALCANTI, L.S. Lugar e cultura urbana: um estudo comparativo de saberes de professores de geografia no Brasil: o caso de Goiânia. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10., 2005, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: São Paulo, 2005. p. 3315-3329. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Geografiasocioeconomica/Geografiadelapoblacion/11.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2022.
- CLAVAL, P. Uma, ou algumas, abordagens culturais na geografia humana. In: SERPA, Ângelo (org.). **Espaços Culturais**: vivências, imaginações e representações. Salvador: Edufba, 2008. p. 13-32.
- DAL GALLO, P.; MARANDOLA JÚNIOR, E. Ser e estar na cidade literária: as “Kyotos” de Kawabata. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 20, n. 33, p. 1-21, 2010. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/view/1618>. Acesso em: 14 fev. 2022.
- EVARISTO, C. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza, 2006.
- FREITAG, B. **Teorias da cidade**. Campinas: Papius Ed., 2012.
- FERREIRA, J. G. 25 de junho de 2020. In: LUDEMIR, Júlio (org.). **Carolinas**: a nova geração de escritoras negras brasileiras. Rio de Janeiro: Bazar Tempo, 2021. p. 184-185.
- JESUS, C.M. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 1960.
- KAERCHER, N.A. A geografia é o nosso dia a dia. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos *et al.* (org.). **Geografia em sala de aula**: práticas e reflexões. 5. ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS: Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção Porto Alegre, 2010. p. 11-22.
- LEFEBVRE, H. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swing, 2013.
- LIMA, T.C.; VIANA, B.A.S. Diálogo de saberes: uma leitura do lugar geográfico na relação com a arte literária. **Revista InterEspaço**, Grajaú, v. 3, n. 8, p. 203-224, 2017. <https://doi.org/10.18764/2446-6549.v3n8p203-224>
- LUDEMIR, J. (org.). **Carolinas**: a nova geração de escritoras negras brasileiras. Rio de Janeiro: Bazar Tempo: Flup, 2021.
- MARANDOLA JÚNIOR, E.; OLIVEIRA, L. Geograficidade e espacialidade na literatura. **Geografia**, Rio Claro, v. 34, n. 3, p. 487-508, 2009. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/4795#:~:text=Cada%20um%20C%20A0%20sua%20maneira,como%20palcos%20da%20trama%20liter%C3%A1ria>. Acesso em: 2 fev. 2023.
- MARANDOLA, J.S. O geógrafo e o romance: aproximações com a cidade. **Geografia**, Rio Claro, v. 3, n. 1, p. 61-81, 2006. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/GEOGRAFIA/Artigos/geografia\\_romance.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/GEOGRAFIA/Artigos/geografia_romance.pdf). Acesso em: 22 jul. 2020.

- MEIRELES, M.M.; PORTUGAL, J.S. Entre textos, imagens e canções: a “Cidade da Bahia” e suas geografias. *In*: PORTUGAL, Jussara Fraga; CHAIGAR, Vânia Alves Marins. (org.). **Cartografia, cinema, literatura e outras linguagens no ensino de Geografia**. Curitiba: CRV, 2012. p. 19-40.
- MELLO, J.B.F. Símbolos dos lugares, dos espaços e dos “deslugares”. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, p. 167-174, 2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6145>. Acesso em: 3 abr. 2022.
- MIRANDA, F.R. **Os caminhos literários de Carolina Maria de Jesus**: experiência marginal e construção estética. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- MORAES, M.M.; CALLAI, H.C. A educação geográfica numa perspectiva de interdisciplinaridade: literatura e geografia. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 11, p. 318-333, 2020. <https://doi.org/10.26895/geosaberes.v11i0.888>
- MOREIRA, R. **Pensar e ser em Geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2007.
- PEREIRA, G.L. **Corpo, discurso e território**: a cidade em disputa nas dobras da narrativa de Carolina Maria de Jesus. 2015. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.
- OLIVEIRA, M.M. O estudo do meio sobre a cidade e o urbano na geografia: (re)pensar a prática de ensino na escola é necessário? **GEOUSP** – Espaço e Tempo, São Paulo, v. 18, n.3, p. 609-623, 2014. <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2014.90070>
- OLIVEIRA, E.B.S. **Planejamento urbano em pequenas cidades**: o PDDU de Gandu-BA em análise. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos Territoriais) – Programa de Pós-graduação em Estudos Territoriais – PROET. Departamento de Ciências Exatas e da Terra, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2021.
- POLLICE, F. O papel da identidade territorial nos processos de desenvolvimento local. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 27, p. 7-23, 2010. <https://doi.org/10.12957/espacoecultura.2010.3539>
- PORTUGAL, J.F. Memoriais, diários e portfólios: narrativas autobiográficas e formação docente. *In*: PORTUGAL, Jussara Fraga; CHAIGAR, Vânia Alves Martins (org.). **Educação Geográfica**: memórias, histórias de vida e narrativas docentes. Salvador: Edufba, 2015. p. 43-72.
- PORTUGAL, J.F. **“Quem é da roça é formiga!”**: histórias de vida, itinerâncias formativas e profissionais de professores de geografia de escolas rurais. 2013. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2013.
- REDE PENSSAN. **Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil**. São Paulo: Rede Penssan, 2021.
- RICOEUR, P. **Teoria da Interpretação**: o discurso e o excesso de significação. Lisboa: Edições 70, 2018.
- SANTOS, M.N.; SOUZA, W. Quarto de despejo – manifestação do discurso feminino na literatura brasileira. **Travessias**, Cascavel, v. 5, n. 2, p. 312-323, 2011. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/4750>. Acesso em: 5 nov. 2022.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo: razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1999.
- SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- SILVA, Igor Antônio; BARBOSA, Tulio. O ensino de Geografia e a literatura: uma contribuição estética. **Revista Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 15, n. 49, p. 80–89, 2014. <https://doi.org/10.14393/RCG154923358>
- SOUZA, E.C. **O conhecimento de si**: estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: EdUNEB, 2006.
- SOUZA, M.L. **Mudar a cidade**: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanas. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2011.
- TUAN, Y. **Espaço e lugar**. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução: Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.

WAN-DALL JUNIOR, O.A. Narrativas urbanas literárias como apreensão e produção da cidade contemporânea: uma leitura do guia de ruas e mistérios da Bahia de todos os Santos. **Redobra**, Salvador, p.183-199, 2013. Disponível em: [http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/2014/12/RD14\\_EX06\\_Narrativas-urbanas-liter%C3%A1rias-como-apreens%C3%A3o-e-produ%C3%A7%C3%A3o-da-cidade-contempor%C3%A2nea.pdf](http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/2014/12/RD14_EX06_Narrativas-urbanas-liter%C3%A1rias-como-apreens%C3%A3o-e-produ%C3%A7%C3%A3o-da-cidade-contempor%C3%A2nea.pdf). Acesso em: 5 nov. 2022.

---

Recebido em: 21/08/2022  
Aceito para publicação em: 25/04/2023